

CAPÍTULO II Vestir a personagem

I

Hoje toda a nossa turma foi às grandes salas onde estão guardados os trajes do teatro; uma delas ficava acima do *foyer* e a outra, no porão, exatamente embaixo do auditório.

Em menos de quinze minutos Gricha escolheu o que queria e foi-se. Também alguns dos outros não levaram muito tempo. Somente Sônia e eu não conseguíamos fazer uma escolha definitiva.

Moça namoradeira, teve os olhos desorientados e a cabeça em turbilhão ao ver tantos vestidos lindos. Quanto a mim, ainda não estava certo do que pretendia retratar e confiava em ter alguma feliz inspiração.

Examinando cuidadosamente tudo que me mostravam, esperava dar com algum traje que me sugerisse uma imagem atraente. Um simples fraque velho chamou-me a atenção. Era de um tecido notável, que eu nunca vira antes — uma espécie de pano cor de areia, esverdeado, acinzentado, parecendo desbotado, coberto de manchas e de pó misturado com cinza. Tive a impressão de que um homem com aquele fraque pareceria um fantasma. Uma sensação quase imperceptível de asco, mas, ao mesmo tempo, um senso de fatalidade ligeiramente aterrador apossaram-se de mim ao fitar a velha roupa.

Combinando com um chapéu, luvas, sapatos empoeirados e maquilagem e cabeleira da mesma cor e nos mesmos tons do tecido do fraque — tudo acinzentado, amarelado, esverdeado, desbotado e penumbroso — obter-se-ia um efeito sinistro mas, de certo modo, familiar. Qual seria exatamente esse efeito eu não podia ainda determinar.

Os encarregados da rouparia separaram o fraque que escolhi e prometeram procurar acessórios que combinassem com ele: sapatos, luvas, cartola, bem como peruca e barba. Mas eu não estava satisfeito e continuei procurando até o último instante, quando a amável chefe da rouparia disse-me, finalmente, que precisava se preparar para a representação daquela noite. Não havia nada a fazer senão retirar-me sem ter chegado a uma decisão final e deixando reservado para mim apenas o fraque manchado.

Emocionado, perturbado, saí da rouparia, levando comigo este enigma: que personalidade deveria assumir quando envergasse aquele velho fraque estragado?

A partir daquele instante e até a hora da *mascarada*, que se fixara para dali a três dias, algo pôs-se a agir dentro de mim: eu não era eu, no sentido da minha visão habitual de mim mesmo. Ou, para ser mais preciso, não estava sozinho, mas com alguém que procurava em mim mesmo sem poder encontrar.

Eu existia, prosseguia com a minha vida comum, mas qualquer coisa me impedia de entregar-me inteiramente a ela, perturbando a minha existência habitual. Parecia dividido em dois. Embora olhando para o que quer que me chamasse a atenção, eu não o via em sua plena extensão, mas apenas vagamente, sem mergulhar-lhe ao fundo. Pensava, mas sem concluir os raciocínios, ouvia mas só com meio ouvido, sentia o cheiro das coisas mas só parcialmente. Metade da minha energia e capacidade humana tinha, de algum modo, desaparecido e essa perda minava minha força, energia e atenção. Não levava a termo em-

preendimento algum. Sentia a necessidade de realizar algo da máxima importância, mas aí uma nuvem baixava sobre meu consciente, eu já não sabia qual a etapa imediata, ficava distraído e dividido. Era um estado cansativo e torturante! Não me deixou por três dias inteiros e durante esse tempo a questão de saber quem eu iria interpretar na *mascarada* ficou sem resposta.

Finalmente, à noite, acordei de repente e tudo estava claro. Aquela segunda vida que eu vivera paralelamente à minha vida habitual era secreta, subconsciente. Nela prosseguia o trabalho da busca daquele homem mofado cujas roupas eu achara por acaso.

Mas aquela luz não durou muito. Esvaiu-se outra vez e eu me agitei na cama, irresoluto e insone. Era como se tivesse esquecido alguma coisa, sem conseguir lembrá-la nem tampouco achá-la. Era uma situação penosa e, no entanto, se um mágico se oferecesse para apagá-la não estou nada certo de que o deixaria fazê-lo.

Outra coisa estranha também observei em mim: parecia estar certo de que não acharia a imagem da pessoa que buscava. Assim mesmo, prosseguia na busca. Não era em vão que, durante aqueles dias, eu nunca passara pela loja de um fotógrafo sem examinar os retratos na vitrina tentando compreender quem seriam os seus modelos. Poderão perguntar-me por que não entrava na loja para examinar as pilhas de fotografias que lá estavam. Com um vendedor de artigos de segunda mão poderia achar volumes ainda maiores de velhas fotos poeirentas e ensabadas. Por que não aproveitava esse material? Por que não examinei tudo isso? Mas eu, indolentemente, apenas passava os olhos pelo menor dos pacotes e, descuidado, desprezava o resto para não sujar as mãos.

O que se passava? Como se pode explicar essa inércia ou esse sentimento de personalidade dividida? Penso que provinha de uma convicção inconsciente mas firme, no meu íntimo, de que o empoeirado cavalheiro das roupas mofadas, mais cedo ou mais

tarde, cobraria vida para me salvar. “Não adianta olhar, é melhor não achar o homem mofado” — esta era, provavelmente, a instigação inconsciente de uma voz interior.

E depois houve estranhos momentos que se repetiram umas duas ou três vezes: ia andando pela rua e de repente tudo se me esclarecia, eu parava de súbito para tentar apreender em sua máxima extensão o que me acontecera... um segundo passava-se e depois outro e eu me sentia capaz de sondar algumas profundezas... então esgotavam-se os segundos e aquilo que em mim viera à tona mergulhava de novo a perder de vista e mais uma vez eu me via cheio de perplexidade.

De outra vez surpreendi a mim mesmo caminhando com um andar inseguro, sem ritmo, que me era totalmente alheio e do qual não me pude livrar logo.

E à noite, como não pudesse dormir, comecei a esfregar as mãos de modo peculiar. “Quem é que esfrega as mãos deste jeito?”, perguntei-me, mas não consegui lembrar. Só sei que quem quer que o faça tem mãos pequenas, estreitas, frias, suadas, mas com as palmas vermelhas, vermelhas. É desagradabilíssimo apertar uma mão dessa espécie, toda pegajosa e sem ossos... Quem é ele, quem é ele?

Ainda me achava nesse estado de divisão interior, de insegurança e de incessante busca de alguma coisa que não conseguia achar, quando entrei no camarim geral onde teríamos de envergar nossos trajes e fazer nossas maquilagens, todos juntos, em vez de isoladamente. O zunzum e a algazarra das conversas dificultavam a concentração. No entanto eu sentia que esse momento da minha primeira investidura naquele fraque mofado, bem como a aplicação da peruca e barba cinzento-amareladas, e do resto, tinha uma importância extrema para mim. Somente essas coisas materiais poderiam impelir-me a encontrar aquilo que eu estava buscando subconscientemente. Depositara nesse momento minha última esperança.

Mas tudo em derredor de mim perturbava-me. Gricha, sentado a meu lado, já estava maquilado de Mefistófeles. Vestira-se com um maravilhoso traje negro espanhol e despertava exclamações de inveja em todos que o avistavam. Outros dobravam-se de rir, olhando para Vânia que, para se transformar num velho, cobrira o rosto infantil com tantos riscos e pontos que mais parecia um mapa. Paulo irritou-me, no íntimo, porque se contentara em se cobrir com os banais trajes e a aparência geral de um elegante. De fato o resultado era surpreendente, pois até então ninguém desconfiara ainda que dentro de roupas habitualmente frouxas e mal-ajustadas ele escondia um corpo bem-feito com belas pernas firmes. Leão nos divertiu com sua nova tentativa de se transformar em aristocrata. Naturalmente não o conseguiu, também dessa vez, mas tínhamos de lhe dar crédito pela perseverança. Sua maquilagem, com uma barba cuidadosamente aparada, os sapatos de salto alto, aumentando-lhe a estatura, faziam-no parecer mais esbelto e davam-lhe um ar imponente. Seu andar cuidadoso, resultante sem dúvida dos saltos altos, emprestava-lhe uma graça que não lhe era habitual na vida cotidiana. Também Vásia nos fez rir e conquistou nossa aprovação com a sua inesperada ousadia. Ele, o ágil acrobata, o bailarino, o orador operístico, concebera a idéia de esconder sua personalidade sob o longo casaco de um comerciante moscovita, de largas lapelas, colete florido, ventre rotundo e a barba e o cabelo cortados *à la russe*.

Nosso camarim retumbava de exclamações tal como se se tratasse de alguma representação comum de amadores.

— Puxa, eu nunca te reconhecera! — “Não vá me dizer que isso é você!” — “Espantoso!” — “Ótimo, eu não pensava que você fosse capaz!” — e assim por diante, indefinidamente.

Essas exclamações me enlouqueciam e as observações marcadas de dúvida e desgosto com que fui aquinhoado muito me desalentaram.

— “Algumas coisa está errada... não sei bem o que é... quem é ele?” “Não estou entendendo, quem é que você quer ser?”

Como era horrível ouvir essas observações e perguntas sem ter nada para responder!

Quem é que eu queria representar? Como ia saber? Se pudesse adivinhar seria o primeiro a dizê-lo.

Desejava ardentemente ver o maquilador nas profundezas do inferno. Até ele chegar e transformar meu rosto no de um pálido e rotineiro louro de teatro, eu sentia que estava prestes a descobrir minha secreta identidade. Um leve arrepio me percorreu quando lentamente vesti a velha roupa, ajustei a cabeleira e apliquei a barba e o bigode. Se estivesse sozinho no camarim, longe de todo aquele ambiente perturbador, certamente teria compreendido quem era o misterioso estranho dentro de mim. Mas o falatório e a zoeira impediam-me de retirar-me de mim mesmo e penetrar naquela inescrutável coisa que se passava no meu interior. Finalmente saíram todos e foram para o palco da escola a fim de serem inspecionados por Tórtsov. Sozinho no camarim sentei-me, prostrado de todo, fitando desamparadamente no espelho meu rosto teatral desprovido de feições próprias. No íntimo já me convencera do fracasso. Resolvi não me apresentar ao Diretor e tirar o traje, remover a maquilagem com o auxílio de um creme esverdeado de horroroso aspecto que estava à minha frente. Já metera um dedo nele e começara a esfregá-lo na cara. E... continuei esfregando. Todas as outras cores se esfumaram, como aquarela que tivesse caído em algum líquido. Meu rosto ficou amarelo-cinzento-esverdeado como uma espécie de réplica ao meu traje. Era difícil distinguir onde estava o meu nariz, ou os olhos, ou os lábios. Espalhei um pouco do mesmo creme na barba e no bigode e, finalmente, em toda a cabeleira. Alguns fios grudaram em pelotas... e então, quase como se estivesse delirando, pus-me a tremer, meu coração batia, apaguei as sobrancelhas,

empoei-me a esmo, lambuzei as costas das mãos com uma cor esverdeada e as palmas com um rosa-claro. Estiquei o casaco e dei um puxão na gravata. Fiz tudo isso com um toque seguro e rápido, pois desta vez sabia quem estava representando e que tipo de sujeito ele era!

Com a cartola colocada num ângulo um tanto provocante, apercebi-me, de repente, do estilo das minhas calças de talhe inteiro, outrora elegantes e hoje tão usadas e gastas. Fiz com que minhas pernas se adaptassem ao friso que se formara nelas, virando a ponta dos pés bem para dentro. Isto tornou-me as pernas ridículas (já repararam como são ridículas as pernas de certas pessoas?). Sempre senti aversão por essas pessoas. Graças a essa posição pouco habitual das minhas pernas, fiquei parecendo mais baixo e o meu andar mudou inteiramente. Por algum motivo, meu corpo todo se inclinou um pouco para o lado direito. Só me faltava uma bengala. Havia uma ali perto e eu a apanhei, se bem que não correspondesse com exatidão à imagem que tinha em mente. Agora só precisava de uma pena de pato para pôr atrás da orelha ou segurar nos dentes. Mandei um servente buscá-la e enquanto esperava-o de volta pus-me a andar de um lado para outro na sala, sentindo todas as partes do meu corpo, feições, linhas faciais, assumirem suas devidas posições e se estabelecerem. Depois de percorrer a sala duas ou três vezes com passo incerto, desigual, olhei no espelho e não me reconheci. Desde a última vez que me olhara, uma nova transformação ocorrera.

— É ele, é ele! — exclamei, sem poder reprimir a alegria que me sufocava. Se ao menos a pena chegasse eu poderia ir para o palco.

Ouvi passos no corredor. Certamente era o servente trazendo a pena. Precipitei-me ao seu encontro e, na porta, dei de cara com Rakhmánov.

— Que susto me deu! — exclamou. — Meu caro rapaz,

quem pode ser isso? Que disfarce! É Dostoiévski? O Eterno Marido? Será que você é... Kóstia? O que é que pretende representar?

— Um crítico! — respondi com voz rouca e dicção cortante.

— Que crítico, meu rapaz? — prosseguiu Rakhmánov em sua curiosidade, um tanto abalado com o meu olhar penetrante e atrevido.

Eu me sentia como uma sanguessuga agarrada a ele.

— Que crítico? — retruquei, com evidente intenção de ofendê-lo. — O crítico catador de defeitos, que mora dentro de Kóstia Nazvanov. Moro nele para interferir no seu trabalho. É essa a minha grande alegria. É esse o propósito da minha existência.

Eu mesmo fiquei assombrado com o tom de voz acintoso, desagradável — e o olhar fixo, rude, cínico com os quais me dirigi a Rakhmánov. Minha entonação e auto-suficiência o perturbaram. Não sabia como achar um novo ângulo de abordagem e portanto ficava perdido sem saber o que me diria. Estava completamente desconcertado.

— Vamos — disse afinal, bastante incerto —, os outros já começaram há muito tempo.

— Então vamos, já que eles começaram há muito tempo — imitei-lhe as palavras e não me mexi mas continuei fitando descaradamente meu instrutor desconcertado.

Seguiu-se uma pausa incômoda. Nenhum de nós dois se mexeu. Era evidente que Rakhmánov queria dar por encerrado o incidente o mais depressa possível, mas não sabia como fazê-lo. Felizmente, para ele, o servente entrou correndo, naquele instante, com a pena de ganso. Eu a arranquei de suas mãos e enfiei entre os lábios. Isto afinou minha boca, transformando-a numa linha reta e raivosa. A ponta aguçada de um lado dos lábios e o largo clarão de penas do outro acentuavam a expressão corrosiva de meu rosto.

— Vamos — repetiu Rakhmánov, em voz baixa, quase envergonhada.

— Vamos! — meu tom de imitação era atrevido e causticante.

Entramos no palco enquanto Rakhmánov se esforçava por desviar-se dos meus olhos. A princípio ocultei-me por trás do grande fogão de ladrilhos cinzentos que fazia parte do cenário e só às vezes deixava aparecer minha cartola ou meu perfil.

Durante esse tempo Tórtsov punha à prova Leão e Paulo — o aristocrata e o elegante — que acabavam de ser apresentados um ao outro e se diziam tolices porque, dado o calibre intelectual dos personagens que interpretavam, não lhes restava muito mais o que dizer.

— Que é aquilo? Quem é aquele? — ouvi Tórtsov exclamar, de repente. — Parece que tenho a impressão de que alguém está sentado aí atrás do fogão, que diabo! Quem é?... Já vi vocês todos, quem é esse... Kóstia? Não, não é.

— Quem é você? — Tórtsov dirigiu-se a mim, pessoalmente, e via-se que estava muito intrigado.

— Sou o Crítico — apresentei-me, avançando. Ao fazê-lo, minha perna torcida projetou-se ante mim, inesperadamente, e isso jogou meu corpo mais para a direita. Tirei a cartola com exagero e executei uma polida reverência. Depois do que, voltei ao meu lugar semi-escondido atrás do fogão, cuja cor esmaecida se igualava à do meu traje.

— O crítico? — disse Tórtsov, um tanto perplexo.

— Sim... e dos malvados — expliquei numa voz rascante. — Está vendo esta pena? Está toda mascada... de raiva... Mordo-a no meio, assim; ela estala e estremece.

A essa altura, para minha total surpresa, emiti um guincho estridente, em vez de uma gargalhada. Eu mesmo me espantei, de tão inesperado. Evidentemente surtiu efeito em Tórtsov também.

— Que di... — começou a exclamar e depois acrescentou.  
— Venha cá, você, mais perto da ribalta.

Adiantei-me, com um andar sinistro, largado.

— Que crítico é você? — perguntou Tórtsov, sondando-me com os olhos como se não me reconhecesse. — Crítico de quê?

— Da pessoa com quem vivo — rouquejei.

— E quem é? — prosseguiu Tórtsov.

— Kóstia — respondi.

— Você entrou na pele dele? — Tórtsov sabia dar-me as deixas certas.

— Se entrei!

— Quem deixou?

— Ele.

Aí minha risada guinchante começou de novo a me sufocar. Tive de controlar-me antes de poder prosseguir:

— Foi ele. Os atores gostam das pessoas que os elogiam. Mas de um Crítico...

Novo acesso de um risinho estridente e sarcástico me interrompeu. Dobrei um joelho para poder encarar Tórtsov bem de frente.

— Quem é que você pode criticar? Você não passa de um ignorante — objetou o mestre.

— O ignorante é quem mais critica — retorqui.

— Você não entende nada e não sabe fazer nada — continuou o diretor, provocando.

— É justamente quem não sabe nada, que ensina — repliquei, sentando-me afetadamente no chão do palco, junto das luzes da ribalta, do outro lado das quais estava Tórtsov, de pé.

— Não é verdade que você seja um crítico... é apenas um catador de defeitos! Uma sanguessuga, um piolho! Sua mordida não é perigosa, mas torna a vida insuportável!

— Vou consumi-lo... pouco a pouco... implacavelmente — rouquejei.

— Seu verme! — explodiu Tórtsov, francamente amolado.

— Santo Deus, que modo de falar! — Inclinei-me bastante por sobre a ribalta, tentando fisgar a atenção de Tórtsov. — Que falta de controle!

— Verme imundo! — Tórtsov agora estava quase aos berros.

— Muito bem, muito bem, benissimo! — Com alegria eu agora forçava as minhas insinuações, sem trégua. — Não se pode limpar com a mão uma sanguessuga. Onde há uma sanguessuga há um lago... e nos lagos, mais sanguessugas... Não se pode livrar delas... nem de mim... — Depois de hesitar um momento, Tórtsov, de súbito, curvou-se por sobre a ribalta e abraçou-me afetuosamente.

— Bom trabalho, rapaz!

Notando que o manchara com a maquilagem que me escorria pelo rosto, acrescentei:

— Cuidado com o que está fazendo! Agora é que não pode mesmo me limpar com a mão!

Os outros correram para reparar o estrago mas eu ficara tão extasiado com essa marca da aprovação do Diretor, que dei um pulo, fiz algumas cabriolas e depois, no clamor do aplauso geral, corri para fora de cena com o meu andar normal.

Voltando-me vi Tórtsov, de lenço na mão, parar de limpar a maquilagem o bastante para olhar-me ao longe com admiração.

Eu estava deveras feliz. Mas não era uma satisfação comum. Era uma alegria que brotava diretamente da realização artística, criadora.

Indo para casa, surpreendi-me a repetir os gestos e o andar da personagem cuja imagem eu criara.

Mas não foi só isso. Durante o jantar, com minha senhoria e os outros hóspedes, mostrei-me capcioso, desdenhoso e irritável — diferente de mim mas muito parecido com o meu crítico implicante. Até a senhoria o notou.

— O que é que você tem hoje? — observou. — Não está um pouco prepotente?...

Fiquei maravilhado.

Alegrava-me porque compreendia como viver a vida de outra pessoa, e o que significa embeber-me numa caracterização.

Isso é um recurso importantíssimo para o ator.

Enquanto tomava banho lembrei-me de que representando o papel do Crítico ainda assim não perdia a sensação de que era eu mesmo. Concluí que isso era porque, enquanto representava, eu sentia um prazer imenso em acompanhar a minha transformação. De fato era o meu próprio observador ao mesmo tempo que outra parte de mim estava sendo uma criatura crítica, censuradora.

Mas posso acaso afirmar que essa criatura não faz parte de mim? Derivei-a da minha própria natureza. Dividi-me, por assim dizer, em duas personalidades. Uma, permanecia ator, a outra, era um observador.

Por mais estranho que pareça, essa dualidade não só não impedia, mas até promovia meu trabalho criador. Estimulava-o e lhe dava ímpeto.

### CAPÍTULO III Personagens e tipos